

O olhar treme contra a cinza marmorizada da paisagem,
explode a grama para fora.
Como se estivesse se soltando de tudo que prende.
Como se algo pesado acontecesse, estivesse a acontecer
como se você realmente esta vez.

E eu ficaria sozinha com a dor radiante.
É o medo das células, elas querem enraizar-se.
Eu tento ser boa. Eu tento melhorar meus hábitos. Eu tento melhorar.

mas não consigo lembrar bem o que eu queria dizer, do que eu estava fazendo.
Eu ando sem pensar, alimento os filhos, tomo banho, vejo através dos dias
Penso que há tantas almas no mundo, será que sou uma delas.
Se vê o cansaço de longe, eu também sempre o vejo
nos movimentos das mãos, como a pele se fixa na pessoa.
No olhar perdido pelo chão e longe na distância
e se tiver suficiente dor, já não tem medo da morte
mas a abundância dos términos não poupa da dor
ela se crava na carne, a carne avaria-se
devagarzinho, como se a costura cedesse por fim
e a mão está toda coberta de sangue
Me solta, por favor.
Num sonho você fala a verdade e diretamente eu acordo e conto a você,
você repete, eu acordo e conto a você, você fala coisas horríveis, eu acordo
isso já aconteceu antes?
Me solta, por favor.
eu amo derreter com a neve acabar eu
já estive aqui antes as casas assim cinzas o mar é gelo de cor-de-jade
nos aquários dos restaurantes os peixes mecânicos, o que aqui não seria
o ar fino a luz pesada
a dor nas têmporas a dor na cabeça, me solta, por favor, solta.

(Da coleção *Missä leikki loppuu*)

LOLA:

Quando eu era pequena, eu me afoguei muitas vezes, tantas vezes que eu parei de esperar a salvação, e o afogamento virou: água salgada nos pulmões, a relva de mar, o quarto espargindo e brilhando esverdeado. Quando eu era pequena e fechava os olhos, ele vinha, sempre do meio da cintilação, do meio do sal, das rochas escorregadias, perfurando o mar e o sonho, um esqueleto se batendo contra os seus próprios ossos. Qualquer coisa que eu fizesse, ele não ia embora, se bem que eu o matasse todas as noites antes do sonho, todas as noites, os seus ossos caíam no preto dos meus olhos e quebravam e sempre ele se reconstruía de novo, os ossos se levantavam e pairavam no ar reencontrando seu lugar. A maior parte do tempo ele dançava, ou fazia ruído estrepitoso ou oscilava ou ria em silêncio chacoalhando o queixo. Ou não sei se era riso. Era apenas irritante, sobretudo irritante. Pode ser que eu tenha me assustado, talvez eu esperasse por um daqueles momentos de ter certeza de que algo vai acontecer, mas de não saber o quando. E se for caminhando para a escola e a mochila for pesada e o peso da mochila quase esgotar a criança e se pensar na explosão e de repente já é o dia? E será que uma criança tem um gênero ou é uma criança apenas? Do esqueleto eu não sei. Ele riu em silêncio e dançou no chão, eu fechei meus olhos, mas ele os penetrou. Ele nunca desapareceu, contudo, seus ossos se consolidaram em mim como um pesadelo se alimentando de si mesmo.

(da coleção *Missä leikki loppuu*)

A PONTE

Olha que ponte enferrujada, os contêineres coloridos com cores de arco-íris no porto, as fileiras dos legos fazendo plec-plec, como se o mundo pudesse ser encaixado num clic. A ponte range como uma articulação cansada, os guindastes se curvam no vento, escorrem a chuva. Olhe, ficamos nesta ponte, entre dois mundos, numa paisagem onde tudo é móvel, oscilando em nossa direção e para fora. Nesta ponte, na fronteira dos dois mundos: os picos das montanhas, os globos, as cartas de navegação esfarrapadas entre nós. Ficamos nesta ponte, embandeiramos no porto, para partidas sem voltas, para nossas partidas. Aqui a viagem é a distância entre duas dores, o amor uma viagem para duas dores. E as bandeiras são sempre brancas.

(da coleção *Huoneiden kirja*)

Saila Susiluoto

nasceu em Helsínquia, onde ainda mora com a família. Participou do curso de escritores em Kriittinen korkeakoulu (“Faculdade Crítica”), estudou no Instituto de Artes de Orivesi, trabalhou em várias áreas e estudou Literatura na Universidade de Helsínquia. A sua obra de estreia, *Siivekkäät ja Hännäkkäät* (Otava, 2001), é uma coletânea surrealista em prosa sobre uma menina que tem cauda, e sobre mulheres, homens, crianças e amor. *Huoneiden kirja* (Otava, 2003) acontece nos diferentes quartos de uma casa. A terceira obra dela, *Auringonkierto* (Otava), foi publicada em 2005 e a mais recente, *Miten peiliin kirjoitetaan* (Otava), em 2007. *Siivekkäät ja Hännäkkäät* ganhou o prêmio Kalevi Jäntti em novembro 2000 e o prêmio Suomi em 2005.

As traduções aqui apresentadas foram realizadas por Katariina Harjunpää e integram uma coletânea de poesia finlandesa contemporânea, organizada por Rita Dahl, a ser editada em breve.